

N.º 20 — LISBOA, 28 DE MAIO

1.º ANO 1933

PARODIA COMEDIA PORTUGUEZA



Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 12000 rs. Brazil, anno 52 numeros..... 25500 rs
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs. Africa e India Portuguesa, anno 12000 rs
Cobrança pelo correio..... 5100 rs. Estrangeiro, anno, 52 numeros... 13500 rs

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data ; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
111, Rua do Norte, 113
IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
Rua 10 Almada, 32 e 34

A QUESTÃO RELIGIOSA EM FRANÇA

Separação da Igreja e do Estado



Vae? Ou não?



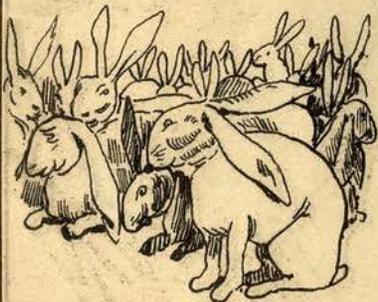
A LEBRE

A palavra a que poderíamos attribuir um valor — como diremos? — philosophico, do discurso programma do sr. João Franco, na inauguração do Centro Regenerador-Liberal, seria aquella segundo a qual elle teria definido o novo liberalismo, declarando que, em materia de liberdade, «a reacção tem de ser proporcional á acção.»

Lamentamos profundamente que uma folha da tarde já tenha levantado no discurso do sr. João Franco esta verdadeira lebre, que nós esperavamos ver passar despercebida no matagal de generalidades d'aquelle documento politico. Mas não importa? No regimen do gato por lebre da politica, uma lebre authentica tem um valor inestimavel e, como todas as coisas inestimaveis, não pertence ao individuo, mas á communidade.

A nós, pois, a lebre!

Aqui a temos, pelluda, brava, cheirando a feno e a terra fresca, com as duas grandes orelhas muito espetadas, a pestanejar de susto e a tremer do focinho.

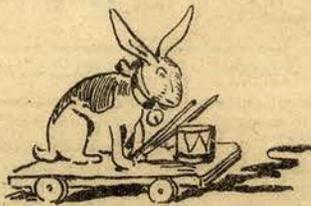


Foi apanhada. Vê-se já n'uma caçarola em vinho branco e em noz moscada, a cheirar bem, n'um lume brando — e quer raspar-se.

Coitada!

Ah! a vida, embora vazia de todo o sentido, a vida de que não se conhece o principio e de que não se sabe o fim, é um dom precioso e o momento de perdê-la é sempre um momento desagradavel. O que virá depois? Outra vida? Incerta hypothese! Na hora de morrer, todo o animal se sente invadir pelas melancolias do *never more*.

Descança, tu! Não morrerás, agil e vivaz bichinho, cuja carne saborosa parece penetrada de todos os perfumes bravios da natureza. Não morrerás! Tu não és uma lebre, és um principio de governo e os principios de governo não se guisam: — discutem-se.



Vem cá! Deixa-nos passar-te ao pescoço esta fita de seda, com este guiso d'oiro e faz-nos aqui algumas habilidades, para o prazer d'estes senhores. Eis aqui um tambor, duas vaquetas. Torna-te um brinquedo de creanças, tu que já és, como principio de governo, um brinquedo de homens.

Com quê, «a reacção tem de ser proporcional á acção»?

Mas n'este caso, porque te chamas tu Liberdade?

Tu chamas-te Despotismo — que digo eu? Flagello. Tu não és um principio de governo: tu és uma epidemia. Tu não és o inimigo da liberdade, tu és o inimigo do homem, *homo homini lupus*. Tu queres voltar ao ideal antigo, tu queres fundar uma sociedade contra a natureza.

Qual é o fundamento da sociedade?

Dizes bem — o Direito.

Qual é o fundamento do individuo?

Dizes bem — a Acção.

O individuo constantemente actua, na ordem natural, na ordem social, na ordem moral.

Por outro lado, a função do Estado, representante da unidade social, é garantir o exercicio da acção, pelo Direito.

O Estado assegura o Direito e desde que deixa de o assegurar, nega-o. E' o que tu fazes. Tu negas o Direito.

Tu não és portanto uma forma de governo: tu és um perigo social. Tu assustas, como na natureza, a visinhança de um vulcão, ou um estrebecimento do solo.

Mas verdadeiramente assustas?

Não!

Em rigor a tua formula não é assustadora: é disparatada.

Pensa um momento. — O Estado perdeu de ha muito a sua origem divina, tu o sabes, e, como tão exactamente o verifica um pensador, cujo nome não entregarei as tuas antipathias, perdeu do mesmo passo a superioridade scientifica, politica e industrial que era d'uso attribuir lhe. Por isso, contra a sua superioridade scientifica pedimos a liberdade de ensino, contra a sua superioridade politica a liberdade de suffragio, contra a sua superioridade industrial a liberdade de trabalho, contra a sua superioridade social o direito de associação.

Ha uma coisa, porém, que já não pedimos ao Estado, que é liberdade de acção, e quando o Estado se lembra de nos privar d'ella, nunca nos annuncia que o vae fazer. Ao contrario, occulta os seus propositos, como um bandido occulta o seu punhal na manga do casaco.

Tu annunciaste-os.

Tu desvarias.

A tyrannia não tem programma, como não tem séde.

Tu annunciaste-a á luz do gaz, entre dois secretarios, com um copo d'agua e uma campainha, e fizeste-a mobilar por um estofador.

Não estavas em ti.

Quando um principio de governo mette mobilia, é contemporaneo — e tu foste archaica. Tinhas o espirito a trezentos annos de distancia e estavas sentado em *fauteuils* do Alcobia, a dois passos do Ferrari, da philosophia e da critica.

Hein? O quê? Equivocaste-te?

Eis um bem lamentavel equivoco, que difficilmente repararás.

Um transeunte pôde equivocar-se e entrar não em sua casa, mas em outra. No theatro, o espectador pode sentar-se em uma cadeira que não é a sua. Tudo se remedeia. O transeunte recupera a sua casa, o expectador a sua cadeira.

Em politica, não succede outro tanto. Quem caiu no equivoco, fica no equivoco, como uma mosca n'uma teia d'aranha.

E' o teu caso.

Moralidade: «a reacção tem de ser proporcional á acção.»

Assim foi.

Simplesmente, a acção foste tu.

JOÃO RIMANSO.

O SERÃO

(Continuado do n.º 18)

GARRETT—(anediando o cabelo). Como é bom acordar entre amigos. (Pausa). Está-se bem aqui, hein?

HERCULANO—Se te parece que não. ... Eu livre dos padres. ...

ALMIRANTE—E eu das intrigas dos cortejos.



CAMÕES—E eu da fome!

JOÃO DE DEUS—E eu da academia!

GARRETT—Que lhe fez a generosa academia?

JOÃO DE DEUS—Puchou-me o carro pela calçada da Estrella. Metteu-me um susto... acabou commigo mais depressa.

GARRETT—Rapazes! E, não se bate ainda, como no meu tempo?

JOÃO DE DEUS—Bate-se com empregos, que é um regalo. Andam a estudar e já estão nomeados deputados, commissarios, etc.

GARRETT—Nunca mais houve guerra depois que morri?

HERCULANO—Depois que morreste so tem havido assaltos.

GARRETT—A castellos?

HERCULANO—A' arca do thesouro.

GARRETT—O paiz tem progredido muito, economicamente?

JOÃO DE DEUS—Como na instrucção.

HERCULANO—O' João, a quanto montava a divida quando o João Franco te mandou para aqui?

JOÃO DE DEUS—Uns seiscentos mil contos... parece que ouvi dizer...

GARRETT—Quem é o João Franco?

JOÃO—E' um politico de esperanças.

GARRETT—E' mulher?

JOÃO—Não, colega, é esperançoso.

GARRETT—E' verdade, e que deu o esperançoso Fontes?

HERCULANO—Um paspalhão!

JOÃO DE DEUS—O' mestre...

HERCULANO—(para Garrett). Ouve uma phrase do grande homem na camara: — «o caminho de ferro é progresso de rodas; o engenheiro é a

roda do progresso!» (Gargalhadas). Por esta phrase, o que imaginas tu que lhe deram?

GARRETT—(pitadeando-se risonho). A carta de conselho?

HERCULANO—Melhor do que isso: O Tosão d'Oiro!

JOÃO DE DEUS—Não foi por isso.

GARRETT—Então?

JOÃO—Foi como symbolo politico. ... o collar tem um carneiro... o carneiro com batatas foi a sua grande arma eleitoral.

GARRETT—Foi então eminente? Deixou discipulos?

JOÃO—O Franco... Hintze...

GARRETT—O Hintze...

JOÃO—E' uma copia. Com menos cabelo e mais dentes.

HERCULANO—Andam a roer as colonias. Devem estar a cair as ultimas.

GARRETT—(a João de Deus). De modo que de colonias o que temos verdadeiramente nosso?...

JOÃO DE DEUS—Alguns frascos de agua de Fanina, nas perfumarias.

ALMIRANTE—E, para isso andei eu e os mais por debaixo das ondas!

HERCULANO—Fez bem, senhor almirante.

JOÃO DE DEUS—Tem vossa excellencia um busto todo catita em S. Pedro d'Alcantara.

HERCULANO—O passeio das sopeiras; gente sem cotação.

GARRETT—A's vezes.

ALMIRANTE—E, essa marinha, o novo ministro pensa em levantar-a?

JOÃO DE DEUS—Diz-se que sim.

ALMIRANTE—Como?

JOÃO DE DEUS—Vae modificar os fardamentos.

ALMIRANTE—Cêbo!...

GARRETT—E o parlamento?... fale-me você do parlamento, João de Deus; elevado, grandes oradores, homens de pezo?

JOÃO DE DEUS—O mais pezado é o Alpoim...

GARRETT—Um arabe?



JOÃO—Pelo nome parece. E' portuguez.

HERCULANO—(a Garrett). Espanlavas-te de vêr um arabe na camara?

GARRETT—Um pouco.

HERCULANO—Então, espantaste mais; já tivemos um preto... no ministerio.

GARRETT—Que honra para o bur-

rié. Que idéa faz a Europa de nós?

JOÃO DE DEUS—A mais lisongeira. Em Paris, de tempos a tempos, apparecem cartazes pelas esquinas em que o nome mais delicado que nos chamam—é o de ladrões!

GARRETT—E consente-se, isso? O que faz o nosso ministro em Paris?



JOÃO—Reclama.

GARRETT—E o governo francez?

JOÃO—Não ouve.

GARRETT—E o portuguez?

JOÃO DE DEUS—Toma a responsabilidade.

GARRETT—E... os marechaes?

JOÃO—Morreram todos.

GARRETT—Os coronéis?

JOÃO—Recebem os ordenados.

GARRETT—E os majores?



JOÃO—Engordam.

GARRETT—E os capitães?



JOÃO—Tirocinam para majores.

GARRETT—E os alteres?



JOÃO—Amam!

GARRETT—E, o povo?



JOÃO—Bate o fado!

GARRETT—(energico). Mas não ha então—lá fora—um portuguez?

JOÃO—Ainda ha alguns; mas esses, encheram-se da phrase de mestre Herculano: «isto faz vontade de morrer», e isolaram-se da corrupcão e esperam...

(Fez-se um silencio. O luar entra pelas janellas).

GARRETT—(entevado). Se nós fossomos para o claustro passeiar?

AVISO

HOJE! HOJE! ABERTURA
DO NOVO CASCO TORREANO!

PURO SUMMO D'UVA

CENTRO REGENERADOR LIBERAL

BONS PETISCOS
MORALIDADE E COMER
COM ACEIO

Inauguração do Centro Regenerador-Liberal

A abertura do Casco



Que zurrapa!
Que mixórdia!

Que triaga!
Que veneno!

Que triaga!
Que veneno!

Que zurrapa!
Que mixórdia!

HERCULANO - E' melhor; vamos. (*Dirigem-se para o claustro. Ouvem-se umas argoladas na porta da egreja*).

HERCULANO—Estão a bater. (*Dirige-se á porta*). Quem é? (*Ouve-se uma voz fóra*).

JOÃO DE DEUS—Quem é?

HERCULANO—E' um gallego com uma carta para o Garrett.

GARRETT—De quem?

HERCULANO—Do conde de Valencas.

GARRETT—O maldito! nem depois de eu estar morto deixa de me massar. Não estou em casa; mudei-me.

HERCULANO—(*atravez da porta*). Diga lá ao sr. conde que o sr. Garrett, tem, mas que não vende. Boas noites.

(*Olmirante e Camões vão alean-te, atraz os tres poetas*).



GARRETT—(*reparando*). O' Herculanoo, agora reparo, o almirante tem tres pernas?

HERCULANO—Tem e ainda ficou outra na Vidigueira, para vir em occasião propria.

GARRETT—Que bella figura a do Camões; mas já notei que tem um geito no braço direito... está sempre a levantar-o e a baixal-o como quem bate...

HERCULANO—Sola.

GARRETT—Sola?

HERCULANO—Aquelle braço não é d'elle; era de um sapateiro do Campo de Sant'Anna; veio por engano.

GARRETT—(*olhando o Herculanoo*). Você tambem está enxertado?

HERCULANO—Salvo seja. O que tenho é meu: cabelo, dentes, pernas...

GARRETT—(*resolutamente*). Tambem eu.

JOÃO DE DEUS—(*com um riso fino*). E eu tambem.

HERCULANO—E' como quem diz... as três graças.

(*Entram no claustro. As vozes perdem-se.*)

DOIS EMES.

Uma phrase

No discurso inaugural do novo centro politico *Regenerador-Liberal*, o sr. João Franco teve, entre muitas phrases notaveis, esta: «A situação do thesouro pôde definir-se em tres palavras — (que são seis; afinal) — nem dinheiro, nem fiscalisação, nem contabilidade.

Parece-nos que podia ainda definir-se só com a primeira — sem dinheiro.

Pois se não ha dinheiro o que é que se fiscalisa? o que é que se conta?

Um thesouro nominal e prompto.



Centro liberal

Abriu o novo centro politico — *Regenerador-Liberal* — na rua Garrett.

As companhias politicas tem bastas semelhanças com as companhias vinicolas.

Esta nova companhia é da Beira e tem como director o sr. João Franco.

O sr. João Franco é um habil lavrador da palavra e no proprio dia da inauguração da casa offereceu á assembléa os melhores tropos espumosos da sua adega.

Os ouvintes beberam e applaudiram o lavrador.



As marcas para a venda, tem os melhores rotulos, como se pôde julgar pela nota seguinte:

Espumosos	
Responsabilidade ministerial...	Doce.
Descentralisação municipal...	Secco.
Organisação do ensino...	Extra secco.
Moralidade.....	Sequissimo.
Economia.....	Extra sequissimo.
De pasto.	
Liberdade.....	Escuro.
Colonial.....	Tinto.
Protecção vinicola.....	Retinto.
Orçamental.....	Negro.

A casa, segundo dizem os jornaes, está bem posta e os donos foram da maior amabilidade para com os convidados.

E, feito o annuncio, a inauguração e o reclamo, só falta uma coisa... é que o paiz beba.

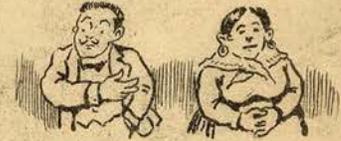
Quanto a nós, limitamo-nos a desejar ao novo estabelecimento — como é da praxe — as maiores prosperidades.

Amen.



Mulheres

Um articulista, entusiasmado com a educação da mulher americana, em comparação com a da portugueza, pergunta: «Porque não daremos, pois, á mulher portugueza o logar que lhe compete?»



Que eu saiba nenhum logar se recusa hoje á mulher portugueza.

Tenho-as visto, nos theatros ou nos circos, pedirem, geral, superior, cadeiras, camarotes; e, o bilheteiro com o maior prazer... é logo... o pedido deferido.

Que logar ha pois que seja de justiça dar a suas excellencias?

Que o articulista o indique, que se lhe manda dar — immediatamente.

Um folhetinista fossil

Depara-se-nos n'um jornal da provincia, como um mastodonte enterrado nos gelos da Siberia, um escripto anti-diluviano d'um folhetinista tropical e imaginoso, cujo estylo repolhudo e opalento faz lembrar uma floresta virgem, onde ha vivos nocturnos de feras amorosas e gritos de macacos mordidos de lascivia. Aquelle estylo, escuraçado pela troca dos centros civilisados, refugiou-se na provincia, graças á facilidade das communicações — e treveja d'alli, — como do alto d'um Sinai, envolto em fumaçada de trapos e em pavores biblicos de rhetorica patriarcal. Imagine-se que, o homem, para falar de batatas, termo cujo plebeismo lhe tojna vedados os salões artisticos do folhetim, exprime-se d'esta arte: — *raiz tuberculosa e farinacea d'essas fecundas plantas solaneas, que tão bem se dão com o clima frio da Beira!*

Ora isto é que se chama nobreza de estylo, e o mais é historia!

Está a extinguir-se este genero litterario, e d'aqui a alguns annos quem quizer regalar-se com um bocadinho d'esta prosa succulenta, como orelheira de porco, tem de ir procurar ás collecções precizas dos jornaes de 1850, ou ser assignante das gazetas da Beira e outros burgos obscuros, a não preferir ler no *Diario das Camaras*, as estreias parlamentares dos bachareis premiados na Universidade. Mas este ultimo expediente é violento e perigoso, porque ameaça de rupturas a hilaridade.

Quem por isso fór, como nós, apaixonado do genero, leia os folhetins dos jornaes da provincia, firmados pelo extraordinario estylista Arthur, um pseudonymo, que está denunciando as duçuras d'um temperamento de litterato, doce e bucolico como um xarope de amoras.

Delicioso e suave Arthur, escreve folhetins, meu amor; regala-nos com a tua prosa, meu favo de mel. Escreve, escreve e trata da caspa.



Assalto a um convento

Um cidadão francez em companhia d'um irmão e de alguns populares indignados, forçou a entrada d'um convento, d'onde arrancou uma filha, que as boas religiosas recusavam entregar.

E é assim que nós, os homens de hoje, n'um seculo de tão positivas afirmações liberaes, temos de arrancar á tenebrosa noite de fanatismo, da demencia intellectual, da devassidão sagrada, as nossas irmãs e as nossas filhas !

E' assim ! Mas se não ha outro meio, seja este o adoptado, que nós não podemos ceder os bocados da nossa alma, a alegria e a consolação da nossa vida, o que n'ella ha de bom, de amigo e de santo, á horda especuladora dos vendilhões que não conhecem a familia, a paternidade, o sublime da natureza creadora !

Seja assim ! Ante a invulnerabilidade do convento ergue-se a invulnerabilidade da familia ! Ante o direito bastardo, o direito da geração, da natureza, da vida !

Ante o amor do pae, do fecundador, erguer-se-ha porventura a paternidade espirital, o direito divino ? Oh! por Deus, arranquemos do coração popular essa infamia, sazoadada de torpezas, essa blasphemia á mais natural, mais elevada e mais santa das leis—o amor !

E' preciso ferir em pleno peito o abutre, arrancar-lhe as presas. Já que a miséria humana nos não liberta, ó pães, já que o egoismo e a ambição dos poderes nos escravisa, defendamos a familia, animalmente, com o nosso braço e o nosso sangue, salvemola ou morramos com ella, como a aguia extenuada sobre o ninho vasto d'onde o caçador audaz arrancou a prole.

Defendamos e seja assim !



Carta

Pae, fui um bom estudante,
Nunca me faltou louvor ;
O meu curso foi brilhante
E aqui me tem um doutor.

A' politica inclinado,
Pretendó entrar n'essas bulhas ;
Porém não sei por que lado
Hei de metter as agulhas.

O pae, que é kagado velho
E não é d'asno um pedaço,
Ha de me dar um conselho
N'este meu grande embaraço.

P'ra que em meu empenho atine
E não pareça saloio,
Devo atrelar-me ao Fuschini
Ou pôr-me ás ordens do Arroyo ?



Sou homem de muito brio,
Não tenho cabeça fraca,
E não me falta feitio
Para virar a casaca.

RESPOSTA Á CARTA

Rapaz, envio uma festa,
Saudando os progressos teus :
Inda bem que não és besta
Como eu sou, graças a Deus.



Os dois gajos que apresentas
São papagaios reaes ;
Ambos mostram boas ventas
E não sei qual vale mais.



Olha, papel espatifa
A' laia dos estudantes,
E depois faze uma rifa
D'esses dois nomes gigantes.

O conselho bom é elle
E dá pequena massada :
Pois saía este ou aquelle
Não dás em falso a pancada.

Lá dos vermelhos tem medo,
Falam bem e de sobejo...
Mas taes meninos tão cedo
Não mettem faca no queijo.



O que disse S. Pedro

Terrivel era o calor,
Jam seccando as figueiras,
Pedi-se agua por favor ;
E logo Nosso Senhor
Abriu do céu as torneiras...

Vem chuva p'ra que alagasse
Tudo que o sol aqueceu
E p'ra que o trigo espigasse ;
Pedi-se a Deus que fechasse.
Os contadores do céu.

Agua tinha em quantidade
Deus, no seu reservatorio ;
Mas teve tanta bondade
Que quiz fazer a vontade
A's preces, em latinorio.

Ora, uns pedem sol na eira,
Outros chuva no nabal ;
E a bulha é de tal maneira
Que faz no céu inferneira
Que os anjos levam a mal.

S. Pedro, de mau humor,
Coça a cabeça pellada
E diz a Paulo doutor :
«— Sempre Deus Nosso Senhor
Atura cada estopada !!!

Deixou-se na cruz pragar,
Não se fartou de soffrir
P'ra do inferno nos salvar...
E o homem quer-lhe ensinar
O que elle deve fazer !!!

S. Paulo, tendo isto ouvido,
Bot1 p'ra traz o capuz
E diz muito commovido :
«— Talvez 'steja arrependido :
De ser pregado na cruz !»



Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Aviso ao publico

Desde 15 de Maio de 1903, os comboios em seguida indicados passam a ter 1 minuto de paragem no apeadeiro de Banhos de Amieira unicamente para serviço de passageiros :

Omnibus n.º 201 que sae de Lisboa R. para Alfarellos ás 7 horas da manhã.

Mixto n.º 203 que sae de Torres Vedras para Alfarellos ás 10 horas da manhã.

Mixto n.º 209 que sae de Lisboa R. para Alfarellos ás 6-45 da tarde.

Mixto n.º 202 que sae de Alfarellos para Lisboa R. ás 5-25 da manhã.

Omnibus n.º 206 que sae de Alfarellos para Lisboa R. ás 5-25 da tarde.

Lisboa, 10 de Maio de 1903

Pelo Director Geral da Companhia
O Engenheiro Adjuncto á Direcção Gare
Augusto Luciano S. de Carvalho

Ouvreria e Relojoaria

com officina anexa
de fabrico e
concertos



Jóias
com brilhantes
Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

Capa d'A COMEDIA PORTUGUEZA

A cores e dourada

PREÇO 600 RÉIS

Encadernação 200 réis

Os pedidos da provincia devem vir acompanhados de mais 40 réis para porte do correio.

1.º anno d'«A Comedia Portuguesa»

ENCADERNADO

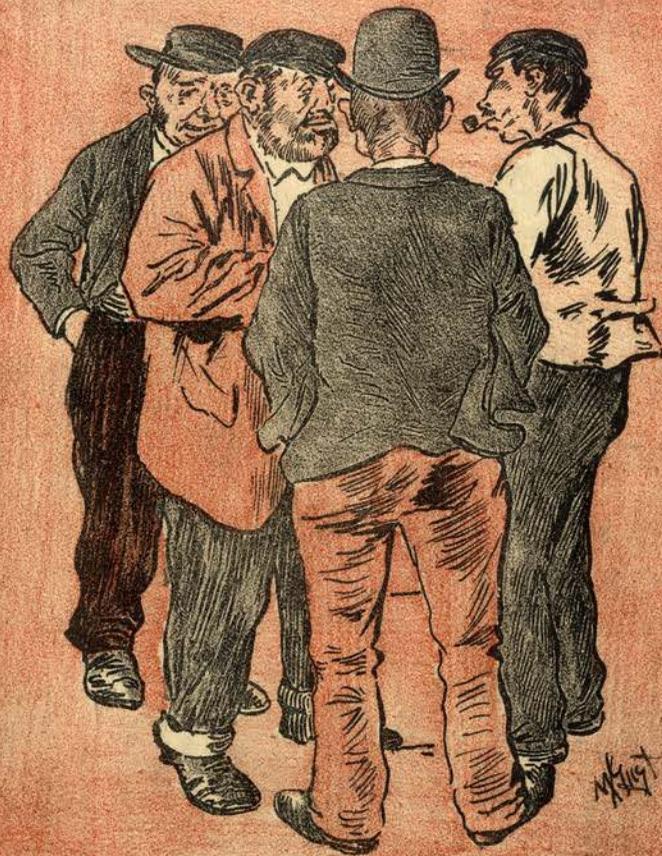
Preço 2\$400 réis

Vende-se na rua do Gremio Luzitano, 66, 1.º,



O JORNAL DO FUTURO

A PONTE DO PORTO



- Ha uma excellente maneira de passar a ponte sem perigo.
- ?
- E' passar a ponte a pé.